

PEDRO AMÉRICO E A VERDADE SOBRE "O GRITO DO IPIRANGA"

Duffio BATTISTONI FILHO

Pedro Américo de Figueiredo e Melo (1843-1905) nasceu em Areias, uma humilde cidade do interior da Paraíba. Desde cedo mostrou predileções para o desenho e a pintura. Aos dez anos, desenhando a fauna e a flora do Nordeste brasileiro, integrou, durante dois anos, a Comissão Científica chefiada pelo naturalista francês, Louis Jacques Brunet, para o Museu Nacional.

Em fins de 1854, matricula-se no Colégio Pedro II. Por ocasião de uma visita do imperador D. Pedro II a esse estabelecimento, o menino desenhou a figura do monarca. Tomando conhecimento desse desenho, o soberano imediatamente prometeu-lhe, ali mesmo, matrícula na Academia Imperial de Belas Artes. Esta lhe seria concedida em 1856, como início de um rápido e brilhante curso em dois anos. O jovem ousa requerer ao imperador a concessão de uma pensão para se aperfeiçoar na Europa. Concedida a bolsa, parte para Paris, com uma mesada de quatrocentos francos, com uma carta de recomendação, muita garra e talento. Na cidade-luz estuda pintura com Ingres, Flandrin e Horace Vernet, todos respeitáveis mestres acadêmicos. Daí seu gosto por temas mitológicos e históricos.

Atraído pela filosofia, em 1862, escreve uma série de ensaios sob o título *Estudos filosóficos sobre as Belas Artes na Antigüidade*, publicando-os no jornal *Correio Mercantil*, em vinte e dois números. Esses textos foram produto de seu bacharelado em Ciências Naturais e seriam ser reeditados em Florença, nos idos de 1882.

Retornando ao Brasil, foi nomeado professor de Desenho Figurado na Academia Imperial de Belas Artes. Entretanto, permaneceu

pouco tempo na cátedra. Embarcou novamente para a França, para um aperfeiçoamento artístico e científico. Em Paris, contudo, passou por grandes dificuldades financeiras, contraiu dívidas, a ponto de vender muitas de suas medalhas ganhas em diversas exposições no Brasil. Liquidadas as dívidas parisienses, Pedro Américo muda-se para Bruxelas, desenhando retratos pelos cafés. Conseguiu doutorar-se em Ciências Naturais pela Universidade de Bruxelas.

Ao voltar para o Brasil, reassumiria sua cadeira, porém, por pouco tempo, pois obteve uma licença em 1873 e viajou para Florença, onde permaneceu por longos anos e adquiriu renome. Nessa cidade recebeu encomendas para pintar, sobretudo, quadros históricos, entre eles, *A Batalha do Avaí*.

Em janeiro de 1886, assinou contrato com o governo paulista com vistas à execução, no prazo de três anos, de um quadro comemorativo da proclamação da Independência. O quadro foi pintado em Florença entre 1886 e 1888. Inicialmente ofereceu um esboço preliminar, mas foi recusado pela Comissão do Monumento do Ipiranga, que alegou falta de verbas. O que os políticos queriam, na memória conservadora da Independência, era enfatizar a figura do imperador e mostrar que o movimento havia sido orquestrado por uma elite. A postura de Pedro Américo era liberal, embora fosse protegido de D. Pedro II. Na visão dos liberais, a Independência havia sido um processo revolucionário e, possivelmente, a concepção do esboço original traduzisse essas idéias. Daí a razão do veto à obra. Pedro Américo não aceitou a derrota. Usando seus contatos na Corte, na imprensa e com várias cartas de recomendação, conseguiu que a Comissão voltasse atrás. Revelando um espírito muitas vezes contraditório, o pintor mudou a concepção da tela, procurando conciliar os diversos interesses. Fato inusitado é que os seus esboços curiosamente desapareceram, e por isso não se sabe quais foram as alterações feitas pelo pintor. Antes de concluir essa obra, Pedro visitou muitas vezes a Colina do Ipiranga, fez pesquisas na Biblioteca Nacional e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ambos no Riode Janeiro.

Com 7,60m de comprimento por 4,15m de altura, o quadro *Independência ou Morte*, como passou a ser chamado, marca a efetivação do sete de setembro como a principal data cívica nacional. Até então, era o dia doze de outubro, dia da aclamação de D. Pedro I como imperador.

A tela possui algumas ambigüidades. Senão vejamos. Todos os elementos do quadro convergem para o eixo central, onde se destaca o grupo de D. Pedro, todavia, muito inclinado para a esquerda. A postura de D. Pedro é muito estática em relação aos demais membros quando o observador é obrigado a dirigir-se automaticamente para ele.

Há outras incongruências no quadro. Por exemplo, a subida da serra entre Santos e São Paulo exigia o uso de mulas. Era essa a montaria de D. Pedro e de sua comitiva. O pintor colocou-o em cavalos de raça, fruto de suas investigações nas cavalariças da nobreza européia. Só D. Pedro monta um cavalo mestiço, originário do Rio Grande do Sul. A idéia ali contida foi enaltecer a figura nacionalista do Imperador.

Em sua investigação prévia do local da proclamação, Pedro Américo avistou a famosa casa e resolveu incluí-la na composição. Estudos posteriores realizados pelo Departamento do Patrimônio Histórico comprovam que a casa foi construída por volta de 1860. Portanto, não existia à época da Independência.

O capacete dourado e a farda branca e vermelha da Guarda de Honra eram usados apenas em dias de festa. A escolta de D. Pedro jamais estaria vestida assim durante uma viagem penosa. Na verdade, o imperador não estava acompanhado da Guarda de Honra, mas de milicianos, que eram civis armados e usavam roupas comuns.¹

Para atender ao desejo geral de ver o célebre riacho representado na tela, Pedro Américo forçou as leis da perspectiva. De acordo com o ponto de vista escolhido, a corrente teria de passar alguns metros atrás de quem observa o painel. Mas ele a colocou em primeiro plano para consagrar na pintura o riachinho cujo nome ficou associado à emancipação do país.

É importante assinalar que, no primeiro plano, à esquerda, há um caipira e seu carro de boi. Ele olha a cena como se estivesse alheio ao que acontece. O objetivo, talvez, fosse mostrar que as decisões políticas cabiam às elites.

Apesar dessas licenças artísticas, o quadro fez enorme sucesso quando foi exibido pela primeira vez em 1888, em Florença. D. Pedro II

⁽¹⁾ Nesse aspecto o quadro **A Proclamação da Independência** de Louis Auguste Moreaux, de 1844, é mais atinente ao acontecimento histórico e com melhores qualidades de pintura. Atualmente está no Museu Imperial de Petrópolis.

e a imperatriz Tereza Cristina, a rainha Vitória, da Inglaterra e outros representantes da monarquia europeia estiveram presentes à inauguração.

No Brasil, a tela foi entregue à Comissão do Ipiranga em 14 de julho desse mesmo ano. Como o edifício-monumento não estivesse concluído, permaneceu enrolada e encaixotada por sete anos. A exposição no lugar definitivo só aconteceu durante a República, quando o prédio foi inaugurado como Museu Paulista em 7 de setembro de 1895. A partir dessa data, o quadro é reproduzido à exaustão, e o local passa, até hoje, a ser palco de festividades cívicas.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 - Júnior, Donato Mello. *Pedro Américo: singularidades de sua Vida e Obra*. Rio de Janeiro, Edições Pinakotheke, 1983.
- 2 - Lopes, Cláudio Fragata. *O Grito maquiado*. In: Revista Galileu, n 210, Setembro 2000.
- 3 - Oliveira, Cecília Helena de Salles e Mattos, Cláudia Valladão de. *O Brado do Ipiranga*. São Paulo, Edusp, 1999.